

Do concreto às letras: um passeio literário pelas ruas da história

Felipe Marinho Duarte¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Este artigo consiste numa narrativa sobre as impressões de um tema cotidiano aos moradores de uma cidade, as ruas, que se figuram como objeto e cenário deste estudo. Privilegiando as discussões que englobam a história urbana, especialmente no que diz respeito à realidade social. As ruas e demais logradouros são projetados como espaços públicos construídos e apropriados pelos homens conforme necessidades.

Sem dúvidas, as ruas estão entre os elementos mais característicos de uma cidade, seu traçado definem a forma urbana, o tipo de pavimentação expressa à atividade humana nela exercida e seu uso apontam para o processo social. Esta artéria do organismo urbano é visceral ao cotidiano, promotora da vida em sociedade e lugar onde se desenvolve a cultura material através da edificação, sobre ela assenta uma carga de história. Sendo assim, este espaço físico tangível pode ganhar contornos imaginários através da literatura ou mesmo da narrativa historiográfica.

Bresciani diz que: “a história, ou ainda, o texto historiográfico, é uma construção narrativa que pode ser feita a partir de diversos pontos de vista e com certeza o tipo de material disponível – documentos – oferecem possibilidades alternativas altamente estimulantes”. A autora busca fazer uma síntese das muitas formas e possibilidades de abordagem das dimensões urbanas, para isso cria uma homologia entre a antiga Tebas e todas as demais cidades construídas ao longo da história. Sendo assim, haveria sete portas de entrada para a cidade, sendo cada uma delas uma alegoria a problematização das questões urbanas: 1) técnica: está relacionada ao domínio da ciência, especialmente no que tange a construção civil orientando a prática de intervenção no espaço, conduzida por profissionais especializados: engenheiros, médicos, arquitetos e urbanistas; 2) questão social: advêm da concentração de pessoa e a multiplicidade de interesses, a divisão do trabalho e a implicação social da introdução da maquinaria no processo produtivo; 3) Formação das identidades sociais: trata-se das relações que conduzem a tomada de consciência de classe, ou mesmo, do

Palavra-Chave: História; Literatura; Cidade; Rua.

¹ DUARTE, Felipe Marinho. Professor de História Econômica na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador e colaborador do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Econômica e História Regional Comparada - GEPECOM. Artigo submetido aos anais do XXVIII Simposio Nacional de História – ANPUH, realizado de 27 a 31 de julho de 2015, Florianópolis – SC. Contato: fduarte85@hotmail.com

pertencimento aos grupos sociais sejam eles de referências política, econômicas ou culturais; 4) Nova sensibilidade: diz respeito à reeducação dos sentidos humanos a partir das novas experiências vividas no ambiente urbano, onde ocorre um gradual afastamento da vida natural; 5) Lugar da história e sujeito da história: deriva da realização de uma análise objetiva da sociedade, com tempo e espaço definido, sem perder de vista as dimensões da subjetividade humana, ou seja, objeto de estudo e sujeito do conhecimento; 6) Cultura popular: como algo que escapa do comportamento social da burguesia admitindo outros referenciais para os relacionamentos sociais, econômicos e políticos das camadas populares, onde se busca perceber a carga histórica e antropológica contidas nas relações humanas; 7) Conhecimento objetivo: seria a entrada do conhecimento intelectual, produzido pelas Ciências Humanas, dando contornos formais às noções de tempo, território, memória, desenvolvimento, cultura, etc.².

Muitas narrativas descrevem as cidades como sendo: artefato, máquina, arena, ambiente, texto, código, obra de arte, entre outras definições. Nesta “*zona espessa, rente ao chão*” se constrói a vida humana e se desenvolvem a produção social do espaço, através do concreto e das letras. Assim, as cidades também são classificadas de acordo com seu projeto de construção, incorporando referências temporais na montagem de uma taxonomia que as identificam como: clássicas, medievais, renascentistas, barrocas, coloniais e modernas. Além disso, o núcleo urbano desempenha funções complementares ao campo, no momento que realiza atividades administrativas, religiosas, bélicas, comerciais, educacionais, industriais, habitacionais e de lazer³.

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se com será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canais, hortos, depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.⁴

Estes diferentes prédios dispostos de diversas maneiras formam um conjunto arquitetônico composto de vilas, travessas e becos ligados uns aos outros por ruas, avenidas ou estradas tais elementos imprimem um desenho no espaço urbano. O crescimento horizontal de uma cidade se dá pela multiplicação das quadras (squares), que nem sempre estiveram simetricamente dispostas, não se pode afirmar que havia

² BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. In: *Espaço & Debate*: cidade e história. n° 34, ano XI, 1991.

³ BARROS, José D' Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007. MORSE, Richard. *Repensando a cidade latino-americana*: cidades como pessoas.

⁴ CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Folha, 2003. p. 17.

necessariamente um cuidado para manter o traçado ortogonal cortado por diagonais, esta é uma característica das cidades modernas, que passam a planejar o crescimento urbano se preocupando com a disposição das ruas e quadras otimizando a circulação e a habitação.

A cidade possui singular capacidade de acomodar pessoas com distintas habilidades, cuja capacidade individual de inventar e executar determinada tarefa promove o aprimoramento da divisão social do trabalho. O ambiente urbano é construído com base nas diversas formas de cooperação, entre as forças produtivas e os meios de produção, transformando a natureza em alguma coisa útil a satisfação das necessidades humanas, sejam elas vindas do estômago e da imaginação⁵.

(...) lancemos um olhar sobre Robinson em sua ilha. Apesar de seu caráter modesto, ele tem diferentes necessidades a satisfazer e, por isso, tem de realizar trabalhos úteis de diferentes tipos, ferramentas, fabricar móveis, domesticar lhamas, pescar, caçar, etc. Não mencionamos orar e outras coisas do tipo, pois nosso Robinson encontra grande prazer nessas atividades e as considera uma recreação. Apesar da variedade de suas funções produtivas, ele tem consciência de que elas são apenas diferentes formas de atividade do mesmo Robinson e, portanto, a distribuir seu tempo com exatidão entre suas diferentes funções. Se uma ocupa mais espaço e outra menos em sua atividade total depende da maior ou menor dificuldade que se tem de superar para a obtenção do efeito útil visado. A experiência lhe ensina isso, e eis que nosso Robinson, que entre os destroços do navio salvou o relógio, livro comercial, tinta e pena, põe-se logo, como bom inglês, a fazer contabilidade de si mesmo.⁶

A história urbana, tal como se desenrola após Revolução Industrial⁷, sugere uma abordagem consciente das transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que mudaram as características da cidade. Este evento reordena a vida urbana, faz surgir novos cenários para consuetudo da vida humana, a interação entre pessoas e cidade se altera com a difusão de novas tecnologias: iluminação (gás e elétrica), transporte urbano (Bondes), telégrafos, máquinas a vapor, entre outras invenções humanas que deixariam Prometeu ruborizado⁸.

⁵ MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. p.113.

⁶ Idem. p. 151.

⁷ A Revolução Industrial é tida como um processo histórico-econômico responsável por uma significativa transformação sociocultural, principalmente no que diz respeito à organização das forças produtivas, que pela primeira vez na história humana ganha contornos fabris. Inventando, assim, novas funções para os homens e as máquinas em meio ao processo produtivo, que por sua vez estava orientado a satisfação do mercado. Este processo histórico se desenrola entre os anos de 1780 a 1830 e teria a Inglaterra como palco de tais transformações, sendo também um centro difusor de técnicas e tecnologias industriais. Pode-se também destacar o pioneirismo francês, em alguns campos da produção industrial, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da química e da moda. HOBBSBAWN, Eric John. *A era das revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 49-82.

⁸ LANDES, David. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

“Eu concordo”, diz, “que o homem é um animal criador por excelência, condenado a tender conscientemente a um objetivo e a ocupar-se da arte da engenharia, isto é, a construir, eterna e incessantemente, caminhos, não importa onde levem”.⁹

A Inglaterra mostrou-se ao mundo sua majestade ao realizar em Londres a Exposição Universal, em 1851. Para receber este congresso internacional da indústria foi erguido no Hyde Park um imponente pavilhão conhecido como *Cristal Palace*, esta estrutura montada com ferro e vidro com propósito de abrigar produtos do mundo inteiro. “*Enfim um grande bazar da indústria humana, prova patente do poder dos homens aplicados ao trabalho, vieram todas as abelhas das colméias industriais trazer a sua porção de mel para o grande banquete do gênio (...)*”¹⁰.

Londres, por exemplo! Estive em Londres oito dias ao todo e, pelo menos no exterior, que amplos e que planos claros, especiais, sobressaem nas minhas recordações! Tudo ali é enorme e se impõe pela originalidade. Cada coisa rude, cada contraste, está lado a lado com sua antítese e anda de braços dados com ela, contradizendo-se mutuamente e sem poderem excluir-se. (...) Essa cidade, sempre alterada, está de dia e de noite, como o mar: os rugidos e os assobios das máquinas, êsses comboio que correm por cima das casas (e que não tardarão também a correr por debaixo delas); essa ousadia empreendedora: essa aparente desordem, que na realidade é a ordem burguesa, no mais alto grau; êsse envenenado Tâmis; êsse ambiente saturado de carvão de pedra; êsses *squares* e parques magníficos; êsses antros terríveis, como os seus habitantes meio nus, selvagens e famélicos; a City, com os seus milhões e o seu comércio mundial; o Palácio de Cristal; a Exposição Universal... Sim a Exposição impressiona.¹¹

A Exposição Universal de 1851 mostrou ao mundo a capacidade industrial de criar e produzir enorme variedade de matérias-primas, maquinário, instrumentos científicos e musicais, compostos químicos e ferramentas que auxiliam manufatura de certas mercadorias. Todas estas “coisas”, por vezes banais, foram incorporadas à vida humana, sendo usadas de forma social ou particular no local de trabalho, no ambiente doméstico, nos espaços públicos¹².

A diferenciação dos instrumentos de trabalho, por meio da qual instrumentos de tipo assumem formas particulares e fixas para cada aplicação útil particular, e sua especialização, que faz com que cada um desses instrumentos especiais só funcione em toda plenitude nas mãos de trabalhadores parciais, caracterizam a manufatura. Apenas em Birmingham são produzidas cerca de quinhentas variedades de martelos, e muitas delas servem não só a um processo particular de produção, mas, com frequência, a diferentes operações no interior de um mesmo processo. O período da manufatura simplifica, melhora e diversifica e exclusivas dos trabalhadores parciais. Com isso, ela cria, ao mesmo tempo, uma das condições materiais da maquinaria, que consiste numa combinação de instrumentos simples.¹³

⁹ BERNAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura na modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. p. 229.

¹⁰ STRAUCH, Paulo Cesar. *Pindorama e o Palácio de Cristal: um olhar brasileiro sobre a exposição de Londres de 1851*. Rio de Janeiro: E-paper, 2008. p. 31.

¹¹ DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Notas de inverno sobre impressões de verão*. In: *Obras completas: Vol. II*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963. pp. 631- 632.

¹² BREWER, J.; PORTER, R. (orgs). *Consumption and World of Goods*. Londres: Routledge, 1997.

¹³ MARX, Karl. *O Capital. Op. Cit.* p. 416.

A diversificação da produção industrial que se deu através da especialização de funções criaram novas possibilidades de acesso a uma dimensão mais ampla de mercadorias, dada à quantidade e regularidade da sua oferta no mercado. Este novo modo de produção e consumo impactou diretamente na maneira de se construir, o progresso dos instrumentos de beneficiamento de matéria-prima, ou seja, a maquinaria foi, em parte, responsável pelo barateamento de certas mercadorias permitindo sua ampla utilização e consumo, por exemplo, o ferro e o vidro que foram consumidos em grande escala pela construção civil¹⁴.

No livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Bernam descreve a modernidade como uma aventura humana no tempo e no espaço, em sua narrativa o autor elege um panteão de romancistas, que são postos a serviço da História: Goethe, Baudelaire, Puchkin, Gogol, Dostoiévski, Chernyshevski, etc. Além disso, apresenta exemplos de cidades que incorporaram a modernidade, ou seja, que experimentaram a metamorfose trazida pela modernização, no sentido da produção física do espaço urbano e as transformações implementadas pelo modernismo, notavelmente de verve cultural. O desenvolvimento econômico e a produção modernista produziram novas experiências e sensibilidades aos cidadãos de Paris, São Petersburgo e Nova Iorque.

São Petersburgo é uma cidade que surge em meio ao pântano do rio Neva, sua execução é um exemplo de modernização imposta. A construção da cidade inicia-se em 1703 através da autoritária decisão de Pedro I, que rapidamente se coloca como uma das maiores metrópoles da Europa. As medidas do Czar atingiam não somente a mobilização de material e mão de obra para a construção da cidade, como também legislava de forma que a nobreza também fosse obrigada a colaborar com tal empreita. A cidade tornou-se um centro de atração de capital humano, engenheiros, arquitetos entre outros profissionais de conhecimento técnico que somaram esforços para dar forma a um projeto de cidade moderna, que seria uma janela para Europa e meio a uma nação agrária, criando assim um contraste entre a realidade modernizadora (europeia) e a experiência urbana russa, que excluindo São Petersburgo ainda vivia muito presa a tradição. São Petersburgo foi o que Marshall Berman definiu como sendo um “modernismo do subdesenvolvimento”, suas repercussões foram sentidas principalmente na literatura, instrumento de interpretação da realidade, ou seja, de projeção de uma “comunidade imaginada” através das letras¹⁵.

Em São Petersburgo foi levado à frente o projeto Nevski, que se tratava de uma rua aos moldes europeus, larga, arejada, iluminada, capaz de atrair pessoas de todas as classes sociais:

¹⁴ STRACH, Paulo Cesar. *Pindorama e o Palácio de Cristal*. Op.Cit.

¹⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

funcionários públicos, oficiais, mulheres públicas, imigrantes, homens marginais (o homem subterrâneo). Esta vida urbana agitada em torno de uma rua advém das facilidades de encontrar mercadorias de todas as partes do mundo, por vezes as lojas eram abastecidas por produtos manufaturados produzidos por imigrantes que viviam próximos esta rua, demonstrando o quanto são complexas as relações urbanas.

O Projeto Nevski foi, de muitas formas, um espaço urbano caracteristicamente moderno. Em primeiro lugar, a retidão, a largura, o comprimento e a boa pavimentação fizeram dele o meio ideal para a locomoção de pessoas e coisas, uma artéria perfeita para os modos emergentes de tráfego rápido. Como os bulevares que Haussmann abriu por toda Paris na década de 1860, ele serviu como ponto de convergência de forças humanas e material recentemente acumulado: macadame e asfalto, luz a gás e luz elétrica, a ferrovia, bondes elétricos e automóveis, cinema e demonstração em massa. Mas, porque foi tão bem planejada e projetada, a Nevski entrou em ação uma geração antes de suas correlatas parisienses e funcionou bem mais suavemente, sem devastar vidas ou as vizinhanças. (...), a Nevski serviu de vitrine das maravilhas da nova economia de consumo que a moderna produção em massa começava por tornar acessíveis: mobília e prataria, tecidos vestuários, botas e livros, tudo era agradavelmente exibido pela multidão de lojas da rua. E, ao lado das mercadorias estrangeiras – mobília e modas francesas, tecidos e selas inglesas, louças e relógios alemães –, exibiam-se estilos, homens e mulheres estrangeiros, toda a fascinação proibida do mundo exterior. Uma série de litografia da década de 1830 recentemente reeditada mostra que mais da metade dos letreiros das lojas da Nevski eram bilíngues ou exclusivamente em inglês ou francês; pouquíssimos eram escrito em russo.¹⁶

(...) Aqui você encontrará bigodes maravilhosos, impossíveis de serem descritos por pincel ou pena, bigodes a que se dedicou a melhor parte da vida, objetos de longas vigílias noturnas e diurnas, bigodes sobre os quais se derramam os óleos mais arrebatadores, friccionaram-se as melhores pomadas e que são a inveja dos transeuntes. (...) Aqui você encontrará mil variedades de chapéus, vestidos, lenços, brilhantes e levíssimos, que, por vezes, permanecem como os favoritos de suas donas por dois dias inteiros. (...) Parece que um mar de borboletas se elevou dos talos das flores e se agita como uma nuvem deslumbrante sobre os besouros negros. Aqui você encontrará cinturas como nunca sonhou, tão finas que temerá que um sopro descuidado fira esses produtos magníficos da natureza e da arte. E que mangas de vestidos encontrará na Nevski! Mangas como dois balões, nos quais a dama poderia subitamente flutuar, caso não estivesse apoiada num cavaleiro. Aqui você encontrará sorrisos únicos, produtos da mais refinada arte.¹⁷

A literatura, especialmente os romancistas populares do século XIX constitui uma abordagem interessante para a compreensão das novas sensibilidades trazidas pela modernização das cidades, que em muitos casos acarretou no embelezamento das ruas, fenômeno narrado por diversos autores das mais distintas nacionalidades. Desta forma, temos a construção imaginária de uma cidade, bem como sua dinâmica social, pois as histórias não se limitam a descrição dos lugares. A cidade é também lugar dos podres, trabalhadores e demais as pessoas nela vivem.

¹⁶ BERMAM, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Op. Cit. p. 187

¹⁷ Idem. p. 190.

Desta forma, vemos uma nota escrita por Dostoiévski na qual o literato russo quando apresenta suas impressões sobre Londres, lugar onde se imponha a ordem burguesa que se afirmava pela originalidade e grandeza, fato que acabou criando visíveis contrastes sociais. Em 1862 Dostoiévski fez uma viagem de verão pela Europa, que durou dois meses e meio, nesta oportunidade ele também conheceu: Berlim, Bresde, Wiesbaden, Baden-Baden, Colônia, Paris, Lucerna, Genebra, Gênova, Florença, Milão e Veneza¹⁸.

Vi em Londres outra multidão parecida com essa, que também não vereis jamais em outro lugar, como ali. Havia também uma decoração à sua maneira. Quem tenha estado em Londres, com certeza que deve ter ido, ainda que apenas por uma noite, ao Hav-Market. É um bairro onde, à noite, em certas ruas se apinham milhares de mulheres públicas. As ruas estão iluminadas por focos de gás, dos quais não fazemos aqui uma ideia. Encontram-se a cada passo magníficos cafés, decorados com espelhos dourados. Há salas de festas, quartos de pouca permanência. É difícil romper aquela multidão. E que multidão tão heterogênea! Vêem-se ali velhas e também beldades perante as quais nos quedamos estupefatos. Não há em todo mundo outro tipo de mulher comparável à inglesa. Tôda essa gente, densa e compacta, se apinha com dificuldade pelas ruas. Não ocupam os passeios, mas a parte central das ruas. Andam tôdas à caça de freguês e atiram-se com descarado cinismo à cara do transeunte.¹⁹

Assim como Londres outras cidades também foram afetadas pela dinâmica industrial, que fazia aflorar alguns problemas sociais. Esta situação foi agravada a partir do movimento de migração campo-cidade de uma população que buscava trabalho e melhores condições de vida. Este fluxo de pessoas alterou a forma da cidade, vista a necessidade de compactação do espaço, logo, se abre mão das construções habitacionais destinadas à moradia unifamiliar com jardim em prol de edifícios compostos de vários andares de abrigar muitas famílias, mas que nem sempre atendiam as exigências quanto à salubridade²⁰.

As demandas sociais advindas com o processo urbano-industrial exigiram uma melhor organização política para a solução dos problemas que afligiam a comunidade, que começava a exigir intervenções no espaço, transformando as características físicas do lugar. Tais mudanças só poderiam ser feitas através do poder público, cujos cargos administrativos que eram cada vez mais ocupados por profissionais liberais, bacharéis em Medicina, Engenharia e Direito. Estes homens, supostamente capacitados, se puseram a repensar o espaço urbano dando-lhe novas características, seja através da implementação de ideias sanitaristas que primavam pela saúde pública, por meio do embelezamento da cidade (*Belle Epoque*) através o uso novas tecnologias e novas concepções de

¹⁸ DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Notas de inverno sobre impressões de verão*. Op. Cit. p. 609.

¹⁹ Idem. p. 634.

²⁰ GONSALES, Célia Helena Castro. Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão, In: *Arquitextos*. S/L: Vitruvius, Ano 05, abril, 2005.

construção, ou mesmo através da normatização do espaço definindo áreas centrais, suburbanas, industriais, comerciais, portuárias, etc.

Esta dinâmica de crescimento urbano e aumento populacional foi comum a diversas cidades, não certa dúvida quanto seus impactos sobre a condição de vida dos habitantes. Afinal, se *o fator em última análise determinante da história é a produção e a reprodução da vida imediata*. Neste sentido, em 1845, Friedrich Engels apoiado no materialismo histórico dialético sistematizou uma crítica social acerca dos problemas habitacionais enfrentados pela classe trabalhadora da Inglaterra, especialmente de Manchester.

Passamos de pátio para pátio e não vemos mais do que becos estreitos e passagens imundas; ao fim de alguns minutos estamos completamente desorientados, não sabendo para onde nos dirigimos. Por toda a parte, os edifícios estão semi ou completamente em ruínas, alguns são realmente inabitáveis e isto é significativo. Nas casas quase nunca há assoalho ou mesmo ladrilhos e as janelas e as portas estão quase sempre partidas e mal ajustadas. Que sujeira! Por toda parte montes de escombros, de detritos e de imundícies; em vez de valetas, poças estagnadas e um cheiro que, por si só, impediria qualquer homem, por pouco civilizado que fosse, de ali viver. O prolongamento, recentemente concluído, da estrada de ferro de Leeds, que aqui atravessa o [Rio] Irk, fez desaparecer uma parte destes pátios e destas ruelas mas, em contra partida, expôs outros à vista. (...) É quando atravessamos uma escarpa abrupta, entre estacas e varais, que penetramos neste caos de pequenos casebres térreos com um único compartimento quase sempre sem assoalho. Ai é, simultaneamente, a cozinha, a sala comum e quarto.

Num destes buracos, que não chegava a medir seis pés de comprimento e cinco de largura, vi duas camas – e que camas! – que, com uma escada e uma lareira, enchiam todo o quarto. Em vários outros não vi absolutamente nada, se bem que a porta estivesse escancarada e os habitantes lá estivessem instalados.²¹

Desta forma, interpretamos este trecho do texto de Engles a partir de sua sensibilidade com o lugar, ou seja, as impressões causadas durante seu “passeio” por becos e ruelas, onde viu edifícios degradados habitados por pobres trabalhadores, cuja imundice era perceptível ao olfato e as condições sociais daquelas pelas pessoas determinaram sua visão crítica, ainda subjetiva, sobre a realidade daquela gente. A história das cidades se compõe entre os cenários modelados pela arquitetura e a dinâmica social estabelecida pelas personagens. No palco principal via-se uma luta de classe, que ultrapassava os muros das fábricas atingindo outras arenas. A “degeneração” social dos mais pobres virou tônica no discurso dos governantes do século XIX. Entra em cena a “administração científica” através do sanitarismo, como parte da ação política dos médicos, a saúde começa a se espalhar de várias maneiras por todo o corpo da cidade e no seio da família²².

A arte replica, ao seu modo, elementos sociais os fazendo manifestar sua própria materialidade, assim outras dimensões da vida urbana podem ser notadas através de um olhar mais crítico sobre a literatura.

²¹ ENGLÉS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985. p. 63.

²² BEGUIN, François. Les machineries anglaises du confort. In: *Recherches*: L'haleine des faubourgs. n° 28, dez, 1977.

(...) De noite, um pouco cansada, você quis se sentar num café novo na esquina de um bulevar novo, todo sujo ainda de entulho e já mostrando gloriosamente seus esplendores inacabados. O café resplandecia. O próprio gás disseminava ali todo o ardor de uma estréia e iluminava com todas as suas forças as paredes ofuscantes de brancura, as superfícies faiscantes dos espelhos, os ouros das madeiras e cornijas, os pajens de caras rechonchudas puxados por coleiras de cães, as damas rindo para o falcão em suas mãos, as ninfas e deusas portando frutos na cabeça, os patês e a caça, as Hebes e os Ganimedes estendendo a pequena ânfora de bavarezas, o obelisco bicolor dos sorvetes matizados; toda a história e toda a mitologia a serviço da comilança.

Plantado diante de nós, na calçada, um bravo homem dos seus quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, trazia pela mão um menino e no outro braço um pequeno ser ainda muito frágil para andar. Ele desempenhava o ofício de empregada e levava as crianças para tomarem o ar da tarde. Todos em farrapos. Estes três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com idêntica admiração, mas diversamente nuançada pela idade.

Os olhos do pai diziam: "Como é bonito! Como é bonito! Parece que todo o ouro do pobre mundo veio parar nessas paredes." Os olhos do menino: "Como é bonito, como é bonito, mas é uma casa onde só entra gente que não é como nós." Quanto aos olhos do menor, estavam fascinados demais para exprimir outra coisa que não uma alegria estúpida e profunda (...).²³

No poema *Os olhos dos pobres*, Baudelaire usa como cenário um novo bulevar fruto das intervenções urbanas dirigidas por Haussmann, que reconfiguraram a forma de Paris. Neste passeio noturno o poeta descreve a admiração de uma família pobre com um esplendoroso café, cuja beleza do lugar por sim já era o suficiente para se estabelecer uma diferenciação social. As *coffeeshouses* tornaram no decorrer do século XIX quase um símbolo da vida moderna, principalmente quando o novo hábito de beber café se espalhou por diversas cidades.

O historiador americano Robert Sobel chama a atenção para a organização das atividades financeiras em locais públicos, principalmente nos cafés (Coffee-Houses), ainda na primeira metade do século XVIII. Em seu livro, *Wall Street: a História da Bolsa de Valores de New York*, ele descreve que eram estes locais os preferidos dos corretores para realizarem suas transações. Estes espaços foram comuns tanto na Europa, a exemplo da casa inglesa *Jonathan's Coffee-House* onde se destaca "um anúncio da época que dizia o seguinte: *John Taylor, em seu escritório ao lado do Café do Jonathan no Beco Exchange, compra e vende Novos Bilhetes de Loteria, Bilhetes em Branco, Notas da Marinha, e de Vitualhas, Títulos das Índias Orientais e outros Títulos Públicos*"²⁴, quanto na América, principalmente nos Estados Unidos, onde se pode destacar a *Tontine's Coffee-House* que anos mais tarde viria se torna a famosa Bolsa de Valores de New York, localizada numa rua

²³ BAUDELAIRE, Charles.

²⁴ SOBEL, Robert. *Wall Street: a história da Bolsa de New York*. Rio de Janeiro: Casa do Livro, 1967. p. 24.



onde de um lado se concentravam alguns estabelecimentos e do outro um muro feito de madeira, ou melhor, tapumes que cercava os canteiros das obras de alguns arranha-céus²⁵.

Café Chic é genial! Junto ao Chic temos Rose – Maison Rose. Rose é o otimismo, é a satisfação de viver [...]. Chic e Rose – é a expressão do anseio da nova modernidade carioca [...]. Num desvão d' *O País* deparamos – Trust – tabuleta soberbamente expressiva. Recordamos os milhões de Carnegie, de Vanderbilt: é uma tabuleta super-homem, fascina, atrai, empolga.²⁶

Comparativamente Nicolau Sevcenko realizou um trabalho que se aproxima metodologicamente a proposta de Marshall Bernam. Ambos utilizam da literatura para não somente apresentar a cidade, mas também tecerem suas críticas quanto à forma humana da cidade, dispersa por suas ruas, esquinas e praças. Sevcenko, no livro *Literatura como missão*, se preocupa com os detalhes da cidade narrados pela literatura, principalmente aqueles contados por Euclides da Cunha e Lima Barreto, onde o Rio de Janeiro é narrado através das revoltas populares, da febre demolitória, da crise do encilhamento, da formação intelectual carioca entre outros elementos urbanos que surgem de um refinado modo de fazer História. Neste sentido, a literatura deixa de ser apenas um texto para se tornar fonte, capaz de apresentar um contexto²⁷.

afluência era enorme. Dobrara, senão triplicara, desde os primeiros meses da República, e nas esquinas das ruas da Quitanda e dos Ourives havia muita gente parada, sem poder circular. Bem raras cartolas, e também pouco frequente chapéus moles e desabados [modelos típicos do Segundo Reinado], quase todos com chapéus baixos. De muitas cores, no geral preto. Lojas atapetadas, atulhadas de fregueses, sobretudo casas de jóias: a clientela diária de senhoras luxuosamente vestidas, com mais aparato do que gosto, trazia a caixeirada numa roda viva.²⁸

As transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro dada a inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque* é um tema amplamente discutido por Sevcenko, que ao apresentar uma história intelectual durante a Primeira República não negligencia o inferno social vivido pelos moradores mais carentes durante os tempos da “regeneração”, que foi conduzida por uma forte febre demolitória capaz de remodelar a capital do país.

²⁵ GEISST, Charles R. *Wall Street: a history*. New York: Oxford, 1997. p. 16.

²⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

²⁷ LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. [S.l.]: Wesleyan University, 1980. p.p.237-293. In: PALTÍ, E. J. (org). *Giro lingüístico e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998.

²⁸ TAUNAY, Affonso de Escragno. Encilhamento. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. p. 40

No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrograda, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. O hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! E como as algumas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto da arte!

Tomando a literatura como instrumento analítico, deixando de lado as críticas que dizem respeito ao estilo e forma, apenas nos preocupando com a narrativa sobre a cidade, ou seja, no esforço comparativo de construção de uma comunidade imaginada na qual poderíamos produzir uma impressão sobre a cidade de Juiz de Fora a partir de trechos de romances e poesias.

Juiz de Fora progredia. A população subia, andava ali pelos doze a treze mil habitantes – imaginem! treze mil! e essa densidade exigia progresso. Esse começara em 1870 com a inauguração dos telégrafos. Logo depois viriam os trilhos da Estrada de Ferro D. Pedro II. Em 1885 a cidade começa a ser dotada de encanamentos e de água a domicílio. No mesmo ano as casas passaram a ser numeradas. Em 1886, grande animação com uma Exposição Industrial que reflete a pujança do município.²⁹

Num tempo onde a estação de trem definia o centro da cidade a Rua Imperatriz reunia uma gama de estabelecimentos comerciais e serviços que elucidam bem a dinâmica do seu tempo. Sendo assim, conta-se que no começo desta via encontrava-se a Casa Serafim Antunes, comércio varejista de fazendas e armarinho, secos e molhados, louças e ferragens (dirigida pelo Sr. Bastos); do outro lado da rua, havia o Hotel Juiz de Fora; contava também com uma pensão de um italiano, mestre de uma banda de música; um “rick” de patinação, atraía os jovens da cidade; a Charutaria Índio de Cuba, do velho Freitas; a casa de Lotéria, que fazia jogo criado pelo Barão de Drummond (Jogo do Bicho); além do Beco dos Cachorros, ocupado por gente humilde (lavadeiras, cozinheiras, etc.), muitos outros detalhes do lugar são captados através da narrativa literária, que se por um lado fogem da forma demonstrativa da História (empírica), por outro é capaz de nos aproximar do passado experimentado pela comunidade que ali estabeleceu suas relações sociais³⁰.

(...) Os poetas da Cidade,
Os músicos, os letrados,
Artistas e magistrados,
Liberais e professores,
Homens de fibra condores
Que voaram bem alto,
Criando, de salto em salto,

²⁹ NAVA, Pedro. *O baú de ossos*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1976. p. 200.

³⁰ LOPES, Oscar Pereira. Comércio da rua da Imperatriz. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora*. Ano VII, n° 7, dezembro, 1973.

De Juiz de Fora a grandeza.

Suas fábricas, usinas,
As escolas e oficinas,
O seu museu, a sua arte,
Oh! Isto tudo faz parte
Do seu próprio conteúdo
Cidade rica, tem tudo,
Tudo que a gente precisa
Em sua terra enraíza
A vontade de seu povo.

Neste sentido, encontramos algumas passagens que falam sobre as ruas de Juiz de Fora, sua poeira e outros elementos urbanos, que são transmitidos e eternizados atrás da pena. Assim Belmiro Braga nos conta suas impressões sobre a rua Oscar Vidal.

Nasci na rua Direita
e lá vou subindo o morro;
se de mim ninguém suspeita
tou no mato e sem cachorro!

Quem por mim anda e desanda
fica coberto de pó:
Eu sou só de uma banda
de uma banda eu sou só

Com medo dos importunos,
coloquei nos meus portões
para espantar os gatunos
cachorros, tigres, leões.

Pedro Nava, em seu livro *O Baú de Ossos* realiza um passeio por ruas e lugares de Juiz de Fora, ao contar as memórias de sua família o autor revela tantos momentos urbanos, “*na travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua, nº 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida*”³¹.

Obrigado! – era o que ele dizia aos parentes e amigos que encheram sua casa a 26 de maio de 1881, dia do nascimento de sua segunda filha, Matilde Luísa e, a 17 de julho de 1883, em que veio ao mundo a terceira, Diva Mariana (Sinhá Pequena), minha Mãe. Ambas viram a luz no prédio de esquina de Santo Antônio com Imperatriz – exatamente o que ficava fronteiro ao jardim da Igreja de São Sebastião. (Nessa casa moraria, muito tempo depois, o Dr. Duarte de Abreu.) Minha avó resolvera deixar a Rua Direita, fugindo à barulhada dos bondes inaugurados em 1881 com duas linhas Altos dos Passos até a Estação e Rua Espírito

³¹ NAVA, Pedro. *O baú de ossos*. Op. Cit. p. 13.

Santo até Mariano Procópio. Santo Antônio era logradouro mais quieto e ela voltava assim para a vizinhança do pai.³²

Vale³³ encontra na literatura produzida por escritores radicados em Juiz de Fora, especialmente no memorialista Pedro Nava, componentes que auxiliam o entendimento do passado da cidade. Através das percepções de Nava sobre seu tempo e espaço, a autora se dedica ao estudo da História da Medicina, visto as relações pessoais que o médico José Nava (pai do escritor) manteve ao longo de sua vida, bem como sua atuação em favor da saúde pública do município.

Meu Pai foi Diretor da Higiene Municipal em Juiz de Fora, nos períodos de administração dos Drs. João d'Ávila e Duarte de Abreu: princípios de 1903 até dezembro de 1907. Coube-lhe, nesse cargo, apoiar e fiscalizar as feiras rurais que se realizavam nos arredores da cidade e socorrê-la durante o verdadeiro flagelo que foram as enchentes de 1906. O Paraíba furioso invadiu a parte baixa da zona urbana, transformando numa espécie de Veneza, em que se andava de barco quase até a Rua de Santo Antônio. As fotografias da época mostram as belas perspectivas do Largo do Riachuelo e da Rua Direita – transformados em Grande Canal. Infelizmente houve desabrigo, fome, falta de gêneros, doenças. Tudo foi atendido por meu Pai, como Diretor de Higiene, e por minha Mãe que correu as ruas para angariar donativos, transformou sua casa em armazém ali recebia, desde de manhã, a extensa fila de necessitados a quem distribuía os alimentos, as roupas e os agasalhos que recebera das famílias e do comércio. Mas o principal serviço prestado por meu Pai a Juiz de Fora foi ter erradicado dali a febre-amarela, introduzindo as medidas preconizadas pela Teoria Havanesa, como ele próprio disse em correspondência enviada ao *Brasil-Médico*, a 14 de abril de 1903.³⁴

Além disso, Vale³⁵ possui textos sobre as características arquitetônicas de Juiz de Fora, identificadas como resultado de um processo urbano-industrial relacionado com a dinâmica cafeeira. Sendo o conjunto de fábricas, palacetes, moradias de operários, infraestrutura e outros elementos materiais que compõem a cidade e que possibilitam “*situarmos a arquitetura de Juiz de Fora à época de sua industrialização em seu contexto histórico*”. Apoiada na metodologia proposta por Nestor Garcia Canclini, a autora discute a *produção simbólica* da cidade através das suas relações com o patrimônio material.

As identidades têm um vínculo estreito com a questão temporal e espacial. Para a construção da identidade é fundamental relacionar os espaços: reconhecer a existência de territórios de pertencimentos: sujeito é de tal bairro, de tal estado, de tal país, de tal continente, do mundo ocidental – ai está a noção identitária mais valorativa que concreta –, ou até mesmo, pertence ao planeta terra. Dependendo da relação que se queira estabelecer. Neste ponto já entra o problema temporal, por exemplo, a afirmação da identidade nacional. Assim como a valorização da latino-americanidade tem uma estreita relação com a conjuntura e as

³² Idem. p. 194.

³³ VALE, Vanda Arantes. Organização da medicina científica em Juiz de Fora – Baú de Ossos. In: *Anais do XIII Encontro Regional de História – ANPUH-MG*. Juiz de Fora: Clio Edições, 2002.

³⁴ NAVA, Pedro. *O baú de ossos*. Op. Cit. p. 292.

³⁵ VALE, Vanda Arantes. Manchester Mineira. In: *III Encontro de Associação de Estudos Brazilianistas*. Inglaterra: Cambridge, 1996. pp. 2-3.

circunstâncias políticas e ideológicas historicamente determinadas, o que significa dizer, temporalmente localizadas.³⁶

O referido desenvolvimento industrial ocorrido em Juiz de Fora é um tema recorrentemente visitado, especialmente por se tratar de parte de um elemento utilizado na invenção de uma tradição, que em muitos casos, age a favor da cidade. Aliás, a apropriação de elementos econômicos como parte de um discurso é um fato relativamente comum entre muitas cidades brasileiras que sofreram algum tipo de processo de modernização³⁷. Localmente, este discurso obteve tal aceitação que se desdobrou na criação dos mitos da “Manchester Mineira”, “Barcelona Mineira”, “Princesa de Minas”, entre outras referências que definem a pujança de Juiz de Fora, num determinado período histórico, que invariavelmente perpassa pela escrita da história regional e se desdobra num discurso político.

Conclusão:

No decorrer do artigo foram traçadas algumas possibilidades de abordagem sobre o espaço urbano, onde se buscou enaltecer a dinâmica das cidades, bem como a sua pluralidade. Além disso, se buscou entender o objeto através da sensibilidade que a literatura permite, dando maior atenção às descrições dos lugares principalmente das ruas, tanto dos aspectos físicos como dos sociais.

Conclusão:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José D' Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BAUDELAIRE, Charles.

BEGUIN, François. Les machineries anglaises du confort. *In: Recherches: L'haleine des faubourgs*. n° 28, dez, 1977.

BERNAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura na modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

³⁶ WASSERNAN, Cláudia. Problema teórico que envolve a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades. *In: Ciências Humanas e Sociais*. Londrina, v. 23, (set), 2002. p. 96.

³⁷ DOIN, José Evaldo de Mello; NETO, Humberto Perinelli; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PACANO, Fábio Augusto. A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852/1930). *In: Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n° 53. 2007.



BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. In: *Espaço & Debate: cidade e história*. n° 34, ano XI, 1991.

BREWER, J.; PORTER, R. (orgs). *Consumption and World of Goods*. Londres: Routledge, 1997.

CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Folha, 2003.

DOIN, José Evaldo de Mello; NETO, Humberto Perinelli; PAZIANI, Rodrigo Ribeiro; PACANO, Fábio Augusto. A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852/1930). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n° 53. 2007.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Notas de inverno sôbre impressões de verão*. In: *Obras completas: Vol. II*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

ENGLES, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985.

GEISST, Charles R. *Wall Strett: a history*. New York: Oxford, 1997

GONSALES, Célia Helena Castro. Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão, In: *Arquitextos*. S/L: Vitruvius, Ano 05, abril, 2005.

HOBSBAWN, Eric John. *A era das revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. [S.l.]: Wesleyan University, 1980. p.p.237-293. In: PALTÍ, E. J. (org). *Giro lingüístico e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998.

LANDES, David. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LOPES, Oscar Pereira. Comércio da rua da Imperatriz. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora*. Ano VII, n° 7, dezembro, 1973.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORSE, Richard. *Repensando a cidade latino-americana: cidades como pessoas*.

NAVA, Pedro. *O baú de ossos*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SOBEL, Robert. *Wall Strett: a história da Bolsa de New York*. Rio de Janeiro: Casa do Livro, 1967.

STRAUCH, Paulo Cesar. *Pindorama e o Palácio de Cristal: um olhar brasileiro sobre a exposição de Londres de 1851*. Rio de Janeiro: E-paper, 2008.

VALE, Vanda Arantes. Manchester Mineira. In: *III Encontro de Associação de Estudos Brazilianistas*. Inglaterra: Cambridge, 1996.



_____. Organização da medicina científica em Juiz de Fora – Baú de Ossos. *In: Anais do XIII Encontro Regional de História – ANPUH-MG*. Juiz de Fora: Clio Edições, 2002.

WASSERNAN, Cláudia. Problema teórico que envolve a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades. *In: Ciências Humanas e Sociais*. Londrina, v. 23, (set), 2002.